



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

MAILZA FERREIRA XAVIER

**AS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: UM
OLHAR PARA A CRIANÇA COM TDAH**

CAJAZEIRAS-PB

2018

MAILZA FERREIRA XAVIER

**AS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: UM
OLHAR PARA A CRIANÇA COM TDAH**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *Campus Cajazeiras* - PB, como requisito para obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^ª Dr.^ª Nozângela Maria Rolim Dantas

CAJAZEIRAS-PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764

Cajazeiras - Paraíba

X3e Xavier, Mailza Ferreira.

As estratégias pedagógicas na educação especial: um olhar para a criança do TDAH / Mailza Ferreira Xavier. - Cajazeiras, 2018.

45f.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Nozângela Maria Rolim Dantas.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2018.

MAILZA FERREIRA XAVIER

**AS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: UM
OLHAR PARA A CRIANÇA COM TDAH**

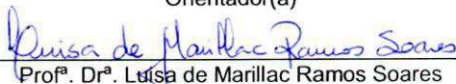
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Pedagogia, da
Unidade Acadêmica de Educação
(UAE) do Centro de Formação de
Professores (CFP), da Universidade
Federal de Campina Grande (UFCG),
Campus Cajazeiras - PB, como requisito
para obtenção do título de Licenciado(a)
em Pedagogia

Aprovado em: 26/07/2018

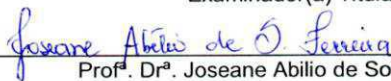
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Nozângela Maria Rolim Dantas
Orientador(a)



Prof.^a Dr.^a Luísa de Marillac Ramos Soares
Examinador(a) Titular



Prof.^a Dr.^a Joseane Abilio de Sousa Ferreira
Examinador(a) Titular

Prof.^a Ma. Ane Cristine Hermínio Cunha
Suplente

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, por me abençoar e me fortalecer na fé para que eu nunca desistisse dos meus sonhos e a minha família por todo apoio e todo amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que me permitiu realizar mais um sonho, me guiando e me protegendo para que eu conseguisse superar todas as dificuldades.

Agradeço aos meus pais, Ednalda e Manoel, por sempre estarem presentes em minha vida, sempre me motivando a estudar, por todo carinho e todos os esforços na busca pela minha felicidade. Reconheço que foi por vocês que prossegui com meus estudos.

Ao meu amado filho Mikael, meu incentivo de todos os dias, ao meu esposo Josiel, pela dedicação e apoio para a concretização desse sonho, ao meu querido irmão, Mailson, minha sogra Geralda pela ajuda e parceria nos momentos difíceis.

As minhas amigas queridas, em que juntas compartilhamos momentos de crescimento e de parceria nessa caminhada. Em especial: Joseilda Gonçalves, Eryca Karla, Henriette Inge, Edna Pedrosa, Elaine Sarmiento e Clênia Valéria, com as quais dividi momentos inesquecíveis e que jamais serão esquecidos.

A queridíssima Orientadora Dr^a. Nozângela Maria Rolim Dantas, por todo comprometimento e dedicação na realização deste trabalho. Agradeço também aos participantes dessa pesquisa que se dispuseram a compartilhar um pouco de suas vivências na escola.

Por fim, à Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores e aos professores do curso de Pedagogia pela contribuição no processo de formação, oferecendo a oportunidade de realização desse sonho: Licenciatura em Pedagogia.

RESUMO

Este trabalho teve por objeto de estudo as estratégias pedagógicas na Educação Especial: um olhar para a criança com Transtorno de déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), com o objetivo geral de analisar as estratégias pedagógicas utilizadas por uma supervisora e uma docente da Educação Infantil, para crianças com TDAH, de uma escola pública da cidade de Sousa/PB; e os objetivos específicos foram: Identificar quais as atividades pedagógicas utilizadas com os alunos com TDAH; verificar quais as estratégias pedagógicas utilizadas pela docente e a supervisora para o aluno com TDAH; averiguar se essas estratégias contribuem para a permanência desses alunos em sala de aula. Para atender esses objetivos foi realizada uma pesquisa qualitativa descritiva e de campo. Para tanto, foi realizado levantamento teórico junto a trabalhos pertinentes ao assunto e o instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Os sujeitos da pesquisa foram: uma professora da Educação Infantil e uma supervisora de uma instituição pública da cidade de Sousa- PB. A análise dos dados realizou-se mediante a análise qualitativa, tendo em vista as estratégias pedagógicas, conhecimento e experiências dos sujeitos entrevistados. Logo após a coleta de dados, observou-se que o trabalho pedagógico, voltado para a criança com TDAH, deve ser diferenciado e que respeite a individualidade dessa criança, com o desenvolvimento de novas estratégias e metodologias a serem trabalhadas; percebeu-se também que a falta de formação na área, dificulta o desenvolvimento de atividades pedagógicas no dia a dia da sala de aula com esses alunos que necessitam de um suporte a mais.

Palavras-chave: Estratégias pedagógicas. Educação Especial.TDAH.

ABSTRACT

This study aimed to study the pedagogical strategies in Special Education: how to deal with children who have Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD). The general objective is to analyze the pedagogical strategies used by the teachers of Early Childhood Education to teach children with ADHD, of a public school in the city of Sousa / PB; and the specific objectives were: To identify the pedagogical activities used for students with ADHD; to verify the pedagogical strategies used by the teachers for the student with ADHD; to find out if these strategies contribute to maintaining these students in the classroom. A descriptive and field qualitative research was carried out to achieve these objectives. In order to do so, a theoretical survey was carried out along with relevant papers. The instrument of data collection was the semi-structured interview. The subjects of the research were: a teacher of Early Childhood Education and a supervisor of a public institution in the city of Sousa-PB. Data analysis was performed through qualitative analysis, considering the pedagogical strategies, knowledge and experiences of the subjects interviewed. Right after the data collection, it was noticed that a differentiated perception of the pedagogical work came to light, in relation to the child with ADHD, respecting the individuality of this infant, trying to innovate the methodology used, thus perceiving the difficulties faced daily when teaching students who need extra support.

Keywords: Pedagogical strategies. Special Education. ADHD.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O TDAH E SUAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL ...	13
2.1 Contextualizando o TDAH.....	13
2.2 A Educação Especial no âmbito da educação Infantil.....	17
2.3 Estratégias pedagógicas na Educação Infantil, em especial para crianças com TDAH.....	19
3 PERCURSO METODOLÓGICO	22
4. ANÁLISE DE DADOS	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS	38
ANEXO.....	40
APÊNDICE	43

1 INTRODUÇÃO

O que me motivou a pesquisar esta temática foi o fato de ter presenciado um caso bem próximo de uma criança com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) ao ingressar em uma instituição escolar da cidade de Sousa/PB, onde, foi observado “certo distanciamento” por parte dos educadores com relação à criança. Logo, fora despertado em mim um sentimento de tristeza por observar que essa criança tinha sido excluída dessa instituição escolar, devido à falta de participação nas atividades desenvolvidas em sala de aula. Essa situação fez com que eu sentisse o desejo de pesquisar sobre o tipo de trabalho pedagógico que o docente desenvolve com essa população.

A criança, em questão, não trazia consigo nenhum diagnóstico médico, mas havia a suspeita e ela apresentava alguns sintomas do TDAH. Tendo isso presente, a instituição alegou que não havia condições de trabalhar pedagogicamente com ela, por não ter pessoal capacitado. Essa situação me sensibilizou, pois no momento em que a escola percebeu as dificuldades na aprendizagem da criança, devido aos sintomas apresentados por meio de seu comportamento, a instituição dificultou a permanência da criança em seu ambiente escolar, ao invés de procurarem informações e estratégias pedagógicas para trabalhar as dificuldades apresentadas e tentar promover uma evolução no quadro educativo da mesma. A solução encontrada pela instituição foi a de aconselhar levar essa criança a outra escola que tivesse condições de atender as suas dificuldades. Então, sem mais nada a fazer, a criança foi levada a outra instituição escolar, onde se repetiu a mesma situação e também alegaram que não teriam condições de trabalharem com esse tipo de transtorno. Isso me entristeceu mais uma vez ao perceber que existem atitudes de exclusão por parte de profissionais da educação, excluindo a criança de maneira a não promover estratégias que auxiliem o aluno com alguma necessidade educacional especial.

Veltrone et al. (2009apud BURITY SERPA, 2015) ao abordar sobre a educação para todos, afirmam que a especialidade deve ser vista como meio de inclusão para que não aconteça a exclusão no âmbito escolar:

Além de o estado garantir a educação para todos, o sistema educacional também deve reconhecer a diversidade do alunado, ou seja, deve reconhecer que cada aluno é único, com suas próprias necessidades e subjetividade. A escola deve se adaptar aos alunos, e não o contrário. Dessa maneira o ensino especializado pode ser utilizado quando o aluno necessitar. A especialidade não deve ser vista dentro de uma perspectiva de segregação ou exclusão, mas sim como medida necessária para que a escola possa atender a todos os alunos em processo de escolarização. (VELTRONE et al., 2009, apud BURITY SERPA, 2015, p. 23 e 24)

Domingues, Zancanella e Baseggio (2013), falam sobre a importância de discutir sobre o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade em decorrência do número de casos diagnosticado, objetivando compreender o conhecimento que a escola tem sobre esses alunos e qual o papel da escola frente ao transtorno.

Diante dos pontos que foram levantados, este trabalho buscou levantar a seguinte problemática: Quais as estratégias pedagógicas utilizadas por uma supervisora e uma docente da educação infantil de uma escola da cidade de Sousa/PB, para que aconteça o processo de inclusão da criança com TDAH no ensino regular?

Na busca por uma resposta a essa indagação, foram traçados os seguintes objetivos: a) geral - analisar as estratégias pedagógicas utilizadas por uma supervisora e uma docente da Educação Infantil para crianças com TDAH, de uma escola pública da cidade de Sousa/PB; b) objetivos específicos - Identificar quais as atividades pedagógicas utilizadas com os alunos com TDAH; verificar quais as estratégias pedagógicas utilizadas pela docente e a supervisora para o aluno com TDAH; averiguar se essas estratégias contribuem para a permanência desses alunos em sala de aula.

O desenvolvimento deste trabalho visa à possibilidade de contribuir com o material teórico-metodológico existente na área da inclusão e na possibilidade de ser utilizado por professores que lidam com alunos com TDAH em sala de aula.

Para a compreensão do leitor, o trabalho segue estruturado da seguinte maneira: no primeiro capítulo temos a Introdução; no capítulo dois temos como referencial teórico, o TDAH e suas implicações pedagógicas na Educação Infantil; no terceiro capítulo o percurso metodológico utilizado na realização da

pesquisa, no quarto capítulo, as análises das entrevistas; e finalmente, as considerações finais, que trata dos pontos principais deste trabalho.

2 O TDAH E SUAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com Maia e Confortin (2015), o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade vem aumentando seu espaço no âmbito escolar. Os educadores se encontram com alunos que possuem a hiperatividade, mas não sabem trabalhar com eles em sala de aula, na maioria das vezes, confundem o mau comportamento com o TDAH, isso influencia negativamente, de maneira significativa, no processo de ensino e aprendizagem desses alunos, conforme veremos no decorrer deste capítulo.

2.1 Contextualizando o TDAH

Para Rohde (2004, apud, CASTRO e NASCIMENTO, 2009), foi na metade do século XIX que apareceram as primeiras referências médicas relacionadas ao Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) ou hipercinéticos. Conforme o autor, na década de 40 surgiu a designação “lesão cerebral mínima”. Posteriormente, em 1962, houve alteração para “disfunção cerebral mínima”, considerando que as alterações características do transtorno estavam associadas mais as disfunções em vias nervosas do que a lesões.

De acordo com a Classificação de Transtornos mentais e de Comportamento da CID -10, F90 (1993), o TDAH está assim descrito:

Esse grupo de transtornos é caracterizado por: início precoce; uma combinação de comportamento hiperativo e pobremente modulado com desatenção marcante e falta de envolvimento persistente nas tarefas e conduta invasiva nas situações e persistência no tempo dessas características de comportamento (CID-10, 1993, p. 256).

A mesma Classificação ainda aponta que:

A hiperatividade implica em inquietação excessiva, em especial em situações que requerem calma relativa. Pode, dependendo da situação, envolver correr e pular ou levantar do lugar quando é esperado ficarem sentadas, loquacidades e algazarra excessivas ou inquietação e se remexer. O padrão para julgamento deve ser que a atividade é excessiva no contexto

do que é esperado na situação e por comparação com outras crianças da mesma idade ou QI. Este aspecto de comportamento é mais evidente em situações estruturadas e organizadas que necessitam de um alto grau de autocontrole de comportamento (CID-10, 1993, p. 257).

Segundo Pereira (s.a) o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é caracterizado pela desatenção, agitação e impulsividade. É evidenciado um descontrole motor, fazendo com que a criança com TDAH tenha movimentos inesperados e inoportunos, havendo oscilação de humor e fragilidade afetiva. A autora enfatiza que cientificamente esse transtorno está relacionado à produção de neurotransmissores:

Cientificamente, este transtorno está ligado à produção de neurotransmissores (substâncias produzidas no sistema nervoso central responsáveis pela regulação do mesmo). Todos os seres humanos possuem uma área no cérebro que desenvolve o equilíbrio entre a percepção, a estimulação ambiental e a capacidade de resposta do cérebro a tudo isso. O TDAH origina-se, quando ocorre uma deficiência nesse processo como, por exemplo, na produção de substâncias como a dopamina, é gerada uma falta de equilíbrio nesse sistema (PEREIRA, s.a, p.15).

A autora enfatiza também que “[...] o Déficit de Atenção ou Hiperatividade afeta a criança no seu meio social, escolar e familiar, prejudicando seu relacionamento com colegas, professores, familiares devido à desatenção, hiperatividade e impulsividade” (PEREIRA, s.a, p.16). Além disso, a autora esclarece também que para afirmar que a criança possui TDAH é necessário fazer um diagnóstico, sendo que os sintomas precisam interferir de maneira significativa na vida da criança, como por exemplo, no comportamento repetitivo em diferentes ambientes.

Conforme Pereira (s.a.) ressalta, alguns estudos apontam a existência de outros motivos que podem causar a hiperatividade como a ansiedade, frustrações, depressão entre outros. Ela aponta também três tipos de sintomas do TDAH: do tipo desatento, hiperativo e o combinado.

Para Pereira (s.a), o tipo combinado apresenta ao mesmo tempo as características de desatento e hiperativo-impulsivo; o predominantemente hiperativo apresenta inquietação, consegue realizar várias atividades ao

mesmo tempo, interrompem a fala do outro; ao tipo desatento, os sinais podem aparecer aos nove anos de idade, apresentam dificuldades de concentração por um período de tempo prolongado, distração e necessitam de esforço mental.

A criança com TDAH não pode ser considerada sem educação ou simplesmente colocar a culpa nos familiares, mas é necessário compreender que elas apresentam dificuldades ao controlar o comportamento, dificultando assim no momento da aprendizagem.

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é uma dificuldade de aprendizagem comumente encontrada nas escolas. Sob uma visão comportamental, é considerada como um distúrbio de desenvolvimento manifestado por meio de comportamentos considerados inadequados em que a criança não consegue controlar prejudicando seu nível de atenção e concentração. (MELO, 2011, p.19)

Na perspectiva de Cunha (2012), os sintomas apresentados em casa pelo o hiperativo, tais como: atraso na fala, trocar letras por longos períodos, durante o sono se mexer bastante, não são o bastante para determinar se é um quadro de TDAH. Mas, é importante que a escola fique atenta a esses sintomas, pois pode prejudicar o processo de ensino e aprendizagem da criança. A autora ainda ressalta que ao submeter a criança a um tratamento adequado a melhora fica perceptível no rendimento escolar da criança hiperativa. Ao professor, cabe observar a criança, não só na sala de aula, mas também no intervalo das aulas.

Se o convívio social é importante para o desenvolvimento da criança, para quem tem TDAH não é diferente. Ao professor cabe observar sinais como agitação e dificuldade de assimilação. No intervalo das aulas a criança costuma-se a meter em confusões, ou brincar quase sempre sozinha, tenta chamar a atenção ou se comporta como se fosse alienada. (CUNHA, 2012, p.35).

Para a autora, é na escola onde apresentam os principais sintomas do TDAH como o comportamento perturbador e a falta de atenção. Ainda conforme Cunha (2012), o educador deve aplicar um programa de intervenção dirigido para à modificação de comportamento e para as deficiências de

aprendizagem. É algo muito debatido nos nossos dias o comportamento excessivo das crianças e é reforçado pela atenção que o professor lhe dedica, conforme Cunha (2012, p. 36):

As crianças hiperativas apresentam particulares dificuldades de relacionamento interpessoal, quer pelas suas características específicas quer pelo tipo de exigências que a escola coloca. O relacionamento com os outros e os trabalhos escolares exigem reflexão, planeamento, estratégia, estabelecimento de objetivos e, por tudo isto, uma complexa gestão do tempo. Estas são competências que estas crianças são incapazes de exibir quando as circunstâncias o exigem.

Para Cunha (2012) isso acontece porque,

Os alunos com hiperatividade têm 'falta' de auto-regulação, e que se manifesta por serem pouco persistentes, exigirem uma satisfação imediata dos seus desejos, serem impulsivos, precipitados, desorganizados, abandonarem precocemente as tarefas. (p.38).

Dando continuidade, Cunha (2012) afirma que a criança hiperativa mostra um grau de atividade maior que outras crianças da mesma faixa etária. Ou seja, há um grau usual de atividade motora que é padrão em crianças - que não é hiperatividade patológica. A diferença é que a criança hiperativa mostra um excesso de comportamentos, em relação às outras crianças, demonstrando também dificuldade em manter a atenção concentrada, impulsividade e ansiedade, inquietação e euforia.

De acordo com Melo (2011), os sintomas ficam mais evidentes na idade escolar, pois, é no ambiente escolar, com muitas crianças juntas, que é possível comparar seus comportamentos, brincadeiras e a maneira que interagem socialmente. " Pesquisas revelam que cerca de 3 a 5% da população em idade escolar podem apresentar o TDAH e o que realmente elas não conseguem fazer é planejar suas atividades ou atitudes com antecedência" (MELO, 2011, p.24).

Com relação ao tratamento do TDAH, Araújo (2002, p. 18, apud CASTRO e NASCIMENTO 2009), afirmam que os medicamentos não curam o TDAH, mas auxiliam na normalização dos neurotransmissores durante seu emprego, sendo assim, capaz de diminuir as consequências negativas

emocionais, sociais e estudantis do TDAH. “[...]. Normalmente, as crianças com TDAH apresentam uma história de vida desde a idade pré-escolar com a presença de sintomas, ou, pelo menos, um período de vários meses de sintomatologia intensa [...]”. Sendo assim, a autora enfatiza também que é preciso que haja uma avaliação cuidadosa de cada sintoma e não apenas uma lista de sintomas.

Segundo Araújo (2002, apud CASTRO e NASCIMENTO, 2009), é fundamental que os pais estabeleçam nas suas normas de comportamento, evitando castigos em excesso, organizar horários para os deveres do dia a dia e também para a diversão. Rohde et al (2000, apud CASTRO e NASCIMENTO, 2009), afirmam que é necessário um programa de treinamento para os pais, para que eles saibam como encarar os sintomas dos filhos, sendo importante a aprendizagem de estratégias para auxiliarem seus filhos na organização das atividades.

2.2 A Educação Especial no âmbito da educação Infantil

A Educação especial resulta na legalidade de uma educação para todos, uma educação sem exclusão que vise a qualidade do ensino, criando estruturas e condições para a permanência das crianças com necessidades especiais.

A educação infantil representa um marco na vida de qualquer indivíduo. Nessa etapa de escolarização a personalidade humana vai se formando, seja ele com ou sem deficiência, por isso deve ser uma garantia para todas as crianças [...] (MOITINHO, 2011, p. 12).

Moitinho (2011) enfatiza que as intervenções proporcionadas na educação infantil são importantes na vida da criança com necessidades especiais, pois ao conviver com outras crianças, superam as suas dificuldades e isso porque, no jardim de infância não existe lugar para o preconceito, todos são iguais, já que, para eles, só há espaço para a convivência.

A Educação Infantil requer uma atenção especializada, e, acompanhar as dificuldades ou avanços dessas crianças faz-se necessário, assim como, reconhecer a diversidade existente nas instituições escolares e trabalhar de forma a estimular o desenvolvimento da aprendizagem das mesmas. Para

tanto, é preciso que a permanência das crianças que necessitem de um atendimento especializado no ensino regular seja garantida.

Na Lei Das Diretrizes e Bases Da Educação (nº 9394/96) em seu capítulo V, art. 58., entende-se por “educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educando com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” (BRASIL, 1996).

Segundo Moitinho (2011),

Numa proposta inclusiva de educação infantil, os currículos e objetivos gerais são os mesmos para os alunos com necessidades educacionais especiais, não requerendo um currículo especial, mas sim ajustes e modificações, envolvendo alguns objetivos específicos, conteúdos, procedimentos didáticos e metodológicos que propiciem o avanço no processo de aprendizagem desses alunos. (MOITINHO, 2011, p. 15).

Prieto (2011) complementa essa reflexão, afirmando a importância da formação do professor:

Em sistemas de ensino cuja diretriz política é garantir que as crianças e jovens com necessidades educacionais especiais sejam matriculados em escolas regulares, particularmente, de educação infantil e de ensino fundamental, o desafio é capacitar os professores que já compõem o quadro de funcionários e garantir que os ingressantes no sistema de ensino tenham conhecimentos para trabalhar com esse alunado (PRIETO, 2011, p. 281).

Segundo Oliveira (2011), as políticas inclusivas devem oferecer as crianças especiais muito mais que uma sala de aula, portanto oportunizar acesso e permanência:

A política inclusiva objetiva oportunizar a educação democrática para todos, considerando ser o acesso ao ensino público de qualidade e o exercício da cidadania um direito de todos; viabilizar a prática escolar da convivência com a diversidades e diferenças culturais e individuais e incluir o educando com necessidades educacionais especiais no ensino regular comum (OLIVEIRA, 2011, p. 32)

Logo, a criança com necessidades educativas especiais não deve ser privada de participar da escola regular. Elas, assim como as demais, têm o

direito de ter uma educação de qualidade, que vai desde a Educação Infantil até a Educação Superior. Além do mais a Educação Infantil oportuniza a convivência com a diversidade, evitando assim, o estranhamento em idades posteriores e, automaticamente, vai trabalhando o preconceito com relação a essa população.

2.3 Estratégias pedagógicas na Educação Infantil, em especial para crianças com TDAH

Torna-se necessário compreender a criança com TDAH, para que assim haja um atendimento de qualidade aos alunos diagnosticados com o transtorno. No entanto, os docentes precisam ser apoiados e fortalecidos em sua ação pedagógica, ou seja, no ato de ensinar a essas crianças que necessitam de atendimento especializado e que tem seus direitos respaldados perante Lei. Direcionar o ensino em uma perspectiva inclusiva havendo uma ação conjunta, onde outras áreas se unam em prol do desenvolvimento da aprendizagem, tais como: psicólogos, neuropediatras, psiquiatras e psicopedagogos. A gestão escolar deverá enfatizar a coesão, direcionando os docentes para um trabalho pedagógico, voltado para essas crianças, respeitando a individualidade de cada um, inovando e principalmente havendo relações de afetividade no seu trabalho. (BONADIO e MORI,2013; CASTRO e NASCIMENTO, 2009; CUNHA, 2012)

Na perspectiva de Tavares (2008), a escola para todos é aquela que busca uma dinâmica curricular, permitindo ajustar o fazer pedagógico às necessidades do educando, necessidades essas que precisam ser atendidas na escola regular, sendo que, os sistemas educativos sejam modificados e também organizados para a construção de uma escola para todos. "É o professor que vai perceber as necessidades e dificuldades de seus alunos, analisar as possibilidades de alterar sua metodologia, adaptar seu currículo e, até mesmo a forma de conduzir suas aulas e atividades avaliativas". (TAVARES, 2008, p.29).

Segundo Cunha (2012), os professores devem ser flexíveis, procurar entender sobre o transtorno, variar a metodologia, evitando repetições e principalmente ser paciente para auxiliar o aluno com TDAH. É importante

lembrar que a sala de aula para crianças com TDAH deve se muito organizada e estruturada (MELO, 2011).

Conforme Melo (2011) a utilização de jogos é importante, pois, é através dos mesmos que o professor pode explorar significativas habilidades. Do jogo em ação pedagógica, a criança compreenderá o porquê das regras, e que estas fazem parte do início de qualquer atividade lúdica. Para a autora o papel do jogo na vida do aluno com TDAH é o de melhorar no desenvolvimento, pois o jogo deve ter uma intencionalidade educativa para que “Os objetivos traçados pelo professor devem alcançar os participantes na sua totalidade, valorizando a aprendizagem individual e grupal, construindo de forma eficiente à formação integral de cada cidadão” (MELO, 2011, p.31).

A hiperatividade no contexto escolar é considerada um problema que não se resolve facilmente e cujo prolongamento no tempo é altamente provável. Aquilo que outras crianças realizam com uma simples chamada de atenção ou uma simples advertência, poderá com estas crianças obrigar a múltiplas e, aparentemente, nunca acabadas intervenções. (CUNHA, 2012, p. 37-38).

Para Andrade (2002b, apud, CASTRO e NASCIMENTO, 2009), os professores estão sobrecarregados e por isso não conseguem enfrentar a situação em que se encontram, em uma sala com muitos alunos com problemas, não podendo se dedicar as necessidades dos alunos com TDAH e não conseguem trabalhar individualmente com cada aluno para acompanhar de perto as dificuldades que cada um possui. Sendo assim, a alternativa mais fácil no momento é mandar o "aluno bagunceiro" para o corredor para recompor a ordem na sala.

Segundo Benczik (2002b, apud,CASTRO e NASCIMENTO, 2009), o estilo do professor que se adapte as necessidades do aluno com TDAH é o que demonstra ser democrático, solícito e compreensível; otimista, amigo e empático; bem organizado e flexível. Benczik (2002b, apudCASTRO e NASCIMENTO, 2009), revela que às situações de grupo em sala de aula apresentam dificuldades na realização das atividades, ocasionando assim, maior estresse;seu comportamento é diferente e imprevisível e não reagem as intervenções regulares do professor. Devido a essas situações, chega-se a

deduzir que o comportamento do aluno é de desobediência, com isso, o docente o pressiona, havendo como resultado o desapontamento tanto para o aluno como para o professor.

Castro e Nascimento (2009), apontam alguns aspectos importantes que precisam ser analisados ao escolher a escola ideal para a criança com TDAH. Dentre eles estão, a discussão da equipe escolar com relação ao conhecimento que ela possui acerca do TDAH, como recebem esses alunos na instituição; o tamanho ideal da sala; perguntar se os docentes recebem treinamentos de outros profissionais, tais como: pedagogos, psicopedagogos ou psicólogos e averiguar como é relação entre família e escola.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Para Silva (2015), o método científico é elaborado para uma investigação científica, em que as regras ou procedimentos elaborados são para tentar fazer uma investigação.

O método científico é um traço característico tanto da ciência pura como da ciência aplicada. Sem esse método, seria inviável falar de ciência, porque não poderia ser colocado em evidência o conjunto de sequências operacionais, sustentadas numa sistemática manipulação para alcançar determinado fim científico. (SILVA, 2015, p.40).

No que se refere à abordagem, será usada a pesquisa qualitativa, pois para Gerhardt e Silveira (2009), a mesma preocupa-se com aspectos da realidade onde não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens (GERHARDT; SILVEIRA 2009, p. 32).

Para tanto, os autores enfatizam as características da pesquisa qualitativa:

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de *descrever*, *compreender*, *explicar*, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (GERHARDT e SILVEIRA 2009, p. 32).

Quanto à natureza, será utilizada a pesquisa básica, e, para Gerhardt e Silveira (2009), esta gera novos conhecimentos, sem aplicação prática prevista. Relacionado aos objetivos, as pesquisas escolhidas foram a exploratória e descritiva. Segundo Gerhardt e Silveira (2009) a pesquisa exploratória objetiva

proporcionar familiaridade com o problema para torná-lo mais explícito ou construir hipóteses. Gerhardt e Silveira (2009), discorrem que a pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Conforme Triviños (1987), Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade.

Um dos procedimentos foi a pesquisa bibliográfica, pois segundo Fonseca apud Gerhardt e Silveira (2002), esta é feita a partir do levantamento de referenciais teóricos já analisados, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Outro procedimento será a pesquisa de campo, na qual a mesma: "[...] caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc)". (FONSECA, 2002, apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 37).

O instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Para Zanella (2011), a entrevista semiestruturada segue um roteiro elaborado pelo entrevistador sem se prender rigorosamente à sequência das perguntas; a conversa vai seguindo de acordo com o depoimento do entrevistado.

O uso da técnica de entrevista exige do pesquisador um olhar atento a todas as manifestações do entrevistado, desde a linguagem oral até a linguagem gestual. Assim, uma expressão de desagrado [expressão de desgosto, agitação das mãos, mexer e remexer na cadeira, por exemplo] ou de não concordância pode ter significado importante para a pesquisa. No entanto, em momento algum o entrevistador deve opinar ou emitir qualquer julgamento tanto sobre o tema que está sendo conversado como sobre a manifestação não verbal dele (ZANELLA, 2011, p. 118).

A entrevista foi realizada com dois sujeitos: sendo uma professora e uma supervisora de uma escola pública da cidade de Sousa, localizada no alto sertão do estado da Paraíba. Em respeito a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, os dados dos sujeitos e a identificação da escola serão mantidos sob sigilo, resguardado o seu anonimato. Para a coleta também foi feito o uso de um celular para a gravação das falas dos sujeitos, sendo isso

feito com o seu consentimento. Depois, essas entrevistas foram transcritas e analisadas qualitativamente, conforme os objetivos traçados nesse trabalho.

Para analisar, compreender e interpretar um material qualitativo, faz-se necessário superar a tendência ingênua a acreditar que a interpretação dos dados será mostrada espontaneamente ao pesquisador; é preciso penetrar nos significados que os atores sociais compartilham na vivência de sua realidade [...] (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 84).

4. ANÁLISE DE DADOS

Para melhor compreender os sujeitos, fazemos aqui uma breve descrição das suas principais características. Foram entrevistados dois sujeitos, sendo uma professora da Educação Infantil e uma supervisora escolar de uma instituição escolar da rede pública do município de Sousa/PB. Essa instituição de ensino conta com 118 alunos, quatro salas de aula, funciona no período manhã e tarde, da Educação infantil ao quinto ano e possui o Programa Novo Mais Educação, diretora, supervisora escolar e uma coordenadora do Programa Novo mais Educação. Foi disponibilizado um roteiro de perguntas semiestruturadas para as entrevistadas, para averiguar as estratégias pedagógicas utilizadas com a criança com TDAH.

A primeira questão colocada à professora da Educação Infantil e à supervisora escolar foi se ambas possuíam alguma formação continuada e se tinham alguma formação para trabalhar com a criança com TDAH. A professora respondeu que é pós-graduada em Educação Infantil, e não tinha nenhuma formação para trabalhar com a criança TDAH.

Professora: *Se for especialização, eu sou pós-graduada em Educação Infantil e cursos menores eu tenho vários, vários cursos de leitura, de escrita.*

A entrevistada complementa sua reflexão afirmando que:

Professora: *Infelizmente não possuo nenhuma formação. O que eu faço é da minha busca em casa, das minhas pesquisas, pesquisando na internet, eu vou ouvido psicólogo, terapeuta ocupacional e na internet para buscar meios que eu possa ajudar essa criança, pois vindo da secretaria municipal ou dentro da escola minhas colegas e minha supervisora tem a mesma dificuldade ou mais do que eu.*

Ao questionar a supervisora escolar sobre sua formação, ela afirmou que no momento não estava participando de nenhuma formação continuada, mas que havia participado. É especializada em Psicopedagogia, mas não se sentia habilitada para trabalhar com a criança com TDAH.

Supervisora: *Já participei [formação continuada], e no momento tem alguns eventos da secretaria que trazem formações e tudo, geralmente são dois dias, só quando começa o planejamento para um outro semestre, e tenho*

especialização em Psicopedagogia, que é a institucional, mas não tenho formação para trabalhar com esse aluno, a Psicopedagogia de certa forma habilita, mas não é a clínica, então detectamos o problema e entramos em parceria com os pais.

Logo, observa-se pelas falas das entrevistadas que não possuem formação para trabalhar com a criança com TDAH, embora tenham formação em curso superior, mas essa habilitação não as prepara para trabalhar pedagogicamente com essa criança.

Seguindo o roteiro da entrevista foi perguntado à professora sobre o número de alunos na sala de aula e solicitou-se que ela discorresse sobre as estratégias pedagógicas que contribuía para a formação da criança com TDAH.

Professora: Eu tenho 19 alunos, dentre esses 19, eu tenho um com TDAH diagnosticado e acompanhado, tenho um autista diagnosticado e outro em investigação se realmente é autismo e tenho outro que tem alguns problemas também, mas que a gente ainda não identificou.

Pela fala da professora, ela não trabalha apenas com aluno com TDAH, mas também com outros transtornos como o aluno autista, demonstrando que, apesar da sua falta de formação, procura meios para atender as necessidades de aprendizagem desses alunos, conforme fica explícito na fala da docente:

Professora: Trabalhar com criança especial não é fácil, requer assim, muito preparo, conhecimento, didática. Quando eu recebi essas crianças, é o primeiro ano que trabalho com crianças, nessa situação, foi este. Então, eu me assustei muito, porque eu não tenho nenhum curso preparatório nessa área, e eu precisei muito de ajuda, de suporte e não contei com essa ajuda, não tive como, então o que eu venho trabalhando, são estratégias minhas, que eu vou tentando, que eu vou adequando, para que essas crianças sejam bem acompanhadas, na medida do possível eles possam se desenvolver, então assim, ainda estou me adaptando, na verdade.

Em sua fala a professora demonstrou preocupação por não ter nenhum curso preparatório e pela falta de ajuda que encontrou no caminho, então foi tentando adequar suas estratégias para que a criança com TDAH fosse acompanhada. Segundo Tavares (2008), o professor quem vai perceber as dificuldades de seus alunos analisando as oportunidades de mudar sua metodologia e adaptando seu currículo e a maneira de conduzir suas aulas e atividades avaliativas.

Dando sequência à entrevista, a professora foi questionada sobre as atividades em sala utilizadas com essa criança e a resposta da professora foi:

Professora: Assim, como são muitas crianças em sala e tem essas quatro especiais, inclusive uma com TDAH diagnosticada, é muito complicado trabalhar, porque essas crianças precisam de um atendimento mais específico e mais individualizado e eu não tenho como, diante da sala com tantas crianças atender da forma que eu gostaria, então, eu sofro muito por isso, porque eu queria dá uma assistência maior e não consigo, mas na medida do possível, como eu trabalho com as imagens, contação de história, trabalho muita música, trabalho com jogos, com os jogos educativos de encaixe, quebra-cabeça, de brincadeiras de roda, algo que traga a criança pra dentro da atividade e que ela sinta vontade de participar, mas é muito difícil.

A professora contou que utiliza os jogos educativos como atividades para que a criança com TDAH as realizem de maneira participativa, segundo Melo (2011):

Para utilizar os jogos como estratégia pedagógica, o educador deve levar em consideração as características da criança com TDAH, e quais as condições em que deverá realizar as atividades, objetivando auxiliar o aluno a desenvolver as suas potencialidades para um bom desempenho social, emocional e cognitivo(MELO, 2011, p 28).

Foi perguntada à professora se essas estratégias ou atividades contribuíam para o aprendizado da criança com TDAH e a permanência do mesmo em sala de aula; a professora relatou que sim, afirmando que essa criança já havia ingressado em outras instituições escolares que não conseguiram a permanência do aluno em sala de aula.

Contribuem, inclusive esse meu aluno que é diagnosticado, a mãe estava sentindo muita dificuldade, é uma turma de educação infantil III, crianças de 5 anos, a mãe estava sentindo muita dificuldade que ele ficasse na escola, ele já tinha passado em outras escolas, inclusive particulares e não conseguiu com que ele se adaptasse e conseguisse ficar na sala de aula e graças a Deus, com muito sofrimento, com muita boa vontade eu estou conseguindo manter esse aluno em sala de aula, estou conseguindo com que ele aprenda, ele é muito inteligente, ele consegue aprender rápido, a mãe dá um suporte muito bom em casa, e ele faz acompanhamento psicológico, é... extra escolar.

Em sua fala a professora demonstrou que houve uma parceria com a família da criança com TDAH, apesar de todo o sofrimento, como a mesma afirmou, conseguiu com que a criança se adaptasse na sala de aula, Cunha (2012), enfatiza que:

Para melhorar a qualidade de vida e garantir um aproveitamento escolar satisfatório para uma criança com TDAH, a escola e a família precisam estar em fina sintonia. Tanto os pais, quando os professores, orientadores educacionais e o médico que acompanha a criança devem manter um contato estreito. Além do tratamento médico, é fundamental que a criança com TDAH se sinta num ambiente adequado e receptivo. (CUNHA, 2012, p.45).

Quanto à supervisora, foi perguntado como ela auxiliava no planejamento das atividades junto aos professores? Afirmou que o planejamento é o momento mais importante, acontece toda segunda-feira, onde a equipe escolar se reúne em prol do desenvolvimento estudantil.

Supervisora:*Eu trago os livros pra gente pesquisar, a gente também pesquisa, a gente também tem os matérias que é da secretaria que é das psicólogas, porque vem uma equipe multidisciplinar de lá, que é terapeuta, psicopedagoga, psicóloga e o que é que a gente faz? A gente pega os alunos que tem necessidade e a gente faz um relatório, tipo: esse aluno apresenta comportamento tal, precisa de ajuda, nisso e nisso, precisamos de atividades ou então, dúvidas de como trabalhar com esse aluno, aí a gente tem umas reuniões com essas psicólogas lá na Secretaria como também elas estiveram já aqui, aí elas nos fornecem dados de como a*

gente trabalhar com eles sabe! é um passo né! Sim e também faz um encaminhamento, por exemplo, alguns desses que a gente identifica, a gente conversa também com os pais, se algum tem algum laudo, se tem a medicação se faz algum tratamento, e junto com eles a gente encaminha, por exemplo, aquele que precisa ir para o fonoaudiólogo e não estava indo, a gente solicita para que faça um encaminhamento, tem essa parceria, sabe!

Observa-se que há uma parceria da escola com os pais como também uma preocupação da instituição em fazer o devido encaminhamento que a criança necessite. Cunha (2012) enfatiza que:

[...] um encontro com os pais se faz necessário, onde a escola transmite suas preocupações aluno e mostra as opções para um diagnóstico correto, que talvez necessite avaliações de profissionais de outras áreas (saúde, psicologia, etc.). No entanto, os professores não devem fazer um diagnóstico clínico, isso pertence aos médicos, mas deve descrever o comportamento e o rendimento do aluno, propondo um possível curso técnico, e um encaminhamento para a especialidade. (CUNHA, 2012, p.47).

A partir das falas da professora e da supervisora, observam-se posicionamentos diferentes, em relação ao atendimento dado pela Secretaria de Educação do Município, pois na fala da professora ela afirmou que o pessoal da Secretaria de Educação sente a mesma dificuldade, enquanto que, a supervisora relatou que dá aquele apoio, que para ela, é uma parceria.

Foi questionado à supervisora e à professora como foi para receber a criança com TDAH na instituição escolar, e para a professora, como foi recebê-la em sala. Ambas responderam que foi bastante difícil e a supervisora fez o seguinte relato:

Supervisora: *Bem, quando a gente faz a matrícula, a gente já pergunta se possui alguma deficiência se tem alguma alergia se tem algum lado, alguma coisa, a gente já identifica para passar para o professor. No início foi muito difícil, a gente via a sala muito dispersa, sem aquele controle, a professora pedia muito ajuda e a gente foi fazendo esse controle e tudo mais, na primeira semana já vieram aqui na escola essa equipe da secretaria e a equipe já nos forneceu algumas formas de como*

trabalhar de como mantê-lo calmo para que a gente não perca a cabeça algumas vezes e diga: esse menino não sabe fazer isso! Entendeu? Para a gente saber tratar ele, lidar com ele, então a gente foi se adaptando e agora já não vimos aquelas dificuldades como vimos no início.

A professora afirmou que:

Professora: *[...] foi muito difícil a minha adaptação com essas crianças, não só tenho uma, foi muito complicada no início, hoje a gente já tá no meio do ano tá mais tranquila, porque eu já estou me adaptando, estou conhecendo melhor as crianças elas também estão me conhecendo, se apegaram a mim, então eu estou conseguindo melhores resultados agora, mas no início foi muito difícil de trabalhar, muito difícil.*

Percebe-se que nas falas tanto da supervisora quanto da professora há dificuldade em trabalhar com o aluno com TDAH, no entanto, demonstram a busca por novas estratégias para trabalhar pedagogicamente com esse aluno mesmo diante da situação difícil a qual se encontravam. Conforme Cunha (2012, p. 47) “A escola deve estar preparada para acolher estas crianças e adaptar-se, para que a criança e os pais se sintam satisfeitos e não sintam necessidade de transferir o filho para outra escola”.

Foi perguntado à professora e à supervisora quais as principais dificuldades enfrentadas levando em consideração a criança com TDAH. A professora respondeu da seguinte maneira:

Professora: *A principal, é que o aluno com TDAH é muito inquieto, ele se dispersa fácil, ele quer brincar muito, mesmo que seja uma aprendizagem lúdica que tenha ali um objetivo por trás daquela atividade, daquela brincadeira tenha um foco que é a aprendizagem da criança, ela não percebe assim, ela quer brincar, independentemente, ela quer brincar, então esse meu aluno ele passa o tempo todo querendo brincar, pintar, desenhar, riscar parede, brincar com o colega, com brinquedo, o colega tem um brinquedo, ele quer o brinquedo, não é do colega é dele, tudo é dele, o lanche é dele, ele é muito inquieto, é elétrico parece que tá assim em 220 volts no momento da aula inteira, então assim é muito cansativo; é muito cansativo para um professor sozinho atender as necessidades dessas crianças, como eu já falei eles precisam de um atendimento individual e com atividades diferenciadas, só que, numa sala onde tem mais crianças a gente não tem como focar nessas crianças que tem uma necessidade maior, então o que a gente faz já é um esforço tremendo pensando no bem estar da criança, mas é muito difícil e muito complicado.*

A supervisora relatou que:

Bem, as dificuldades que a gente encontra é porque que nem sempre nós estamos preparados com o que vai acontecer com aquele aluno, como trabalhar com ele pois, dependendo do comportamento, de uma situação, nem mesmo o professor, tá habilitado; o que é que eu vou desenvolver agora, então, o que eu sempre procuro fazer aqui na escola é, planejar na segunda feira com os professores, deixar tudo organizado, se aparecer uma situação, quais são as atividades que nós vamos fazer? Como a gente tem que trabalhar com esse aluno? O que é que a gente tem que desenvolver? Que tipo de atividade nós temos que incluir para que a gente possa ajudá-lo? Então, eu acho o momento mais importante é o planejamento, porque é o momento que a gente procurará levar para o aluno, uma certa forma de ajudar nessas atividades, nesse dia a dia em sala.

Fica evidente, nas falas das entrevistadas, que a escola procura meios de ajudar a essa criança com TDAH, mas essa criança necessita de atendimento individualizado. Segundo Tavares (2008), "[...] é preciso mais tempo e mais oportunidades para a troca de informações sobre os alunos, planejamento de atividades e elaboração de instrumentais de avaliação específica". (TAVARES, 2008, p.24)". Conforme Cunha (2012), o comportamento da criança hiperativa interfere na vida familiar, escolar e social, elas apresentam dificuldades ao prestar atenção e aprender. Na fala da professora mostra que a criança fica muito dispersa e é muito inquieta, interferindo assim, no desenvolvimento da aprendizagem.

Foi solicitado que explicassem como percebiam a criança com TDAH e quais as características, e a compreensão da professora foi a seguinte:

A criança com TDAH é uma criança igual a qualquer outra criança, gosta de brincar, tem sonhos, é carinhosa, é atenciosa, porém é uma criança que necessita de uma maior atenção, principalmente na escola, uma criança que precisa de o professor estar mais atento e de buscar estratégias diferenciadas, metodologias diferenciadas para atendê-la, mas ela é uma criança igual a qualquer outra.

Já a supervisora afirmou que:

É um aluno que não é tão tranquilo, como o outro que a gente pode dizer entre aspas, "normal"! Cada um apresenta, às vezes, alguma dificuldade que a gente pode falar, mas assim, a gente tenta sempre buscar, solucionar, fazer com que aconteça essa inclusão para que a gente possa diferenciar no mínimo, do outro, porque a gente não vai fazer tantas atividades diferenciadas, a gente quer trazer esse aluno para participar dessa mesma atividade junto com ele, para não diferenciar o com TDAH. Com relação às características, ele fica muito disperso, ele não se concentra nas atividades, da mesma forma que os outros, ele precisa daquele apoio de chegar até ele, a gente sente que ele tem essa necessidade de ir até a cadeira dele, fazer aquele acompanhamento maior.

A partir das falas das entrevistadas, buscou-se, em Castro e Nascimento (2009), as seguintes características do aluno com hiperatividade:

[...] a hiperatividade se caracteriza desta forma: agitar as mãos ou os pés ou se remexer na cadeira; abandonar sua cadeira em sala de aula ou outras situações nas quais se espera que permaneça sentado; correr ou escalar em demasia, em situações nas quais isto é inapropriado; pela dificuldade em brincar ou envolver-se silenciosamente em atividades de lazer; estar frequentemente "a mil" ou muitas vezes agir como se estivesse "a todo vapor"; e falar em demasia (CASTRO; NASCIMENTO, 2009, p. 17-18).

Cunha (2012) complementa essas características ressaltando que sobre a hiperatividade no contexto escolar, e, afirma que no contexto escolar é visto como problema que não se resolve com facilidade:

A hiperatividade no contexto escolar é considerada um problema que não se resolve facilmente e cujo prolongamento no tempo é altamente provável. Aquilo que outras crianças realizam com uma simples chamada de atenção ou uma simples advertência poderá com estas crianças obrigar a múltiplas e, aparentemente, nunca acabadas intervenções. (CUNHA, 2012, p. 37-38).

Foi questionado à supervisora, sobre qual foi a maior dificuldade enfrentada ao auxiliar a professora desse aluno com TDAH. A mesma ressaltou que sua maior angústia era quando a professora afirmava que o aluno não estava conseguindo realizar as tarefas na sala:

Eu acho que é quando ela está dizendo que ele não consegue fazer as atividades, que não consegue englobar ele no geral, (maior angústia), eu tenho que ver com ela uma forma da inclusão, daquele aluno não ficar disperso em tudo que está acontecendo na sala. Às vezes realmente a gente recorre a equipe técnica "troca figurinhas" uma com as outras, ah! Aquela professora ali, já teve um aluno, vamos recorrer a ela para saber o que já aconteceu, cada um relata um caso que vai acontecendo ou já aconteceu, uma experiência.

Foi solicitado à professora que explicasse qual o papel do professor no processo de inclusão da criança com TDAH e sobre a sala de AEE. Primeiramente ela afirmou que a instituição a qual trabalha não possui sala de AEE e com relação ao papel do professor, a mesma considera fundamental no desenvolvimento da aprendizagem do aluno:

O papel do professor é fundamental, se o professor não tiver a sensibilidade a disponibilidade de se abrir para novas estratégias, para novas metodologias que venham atender melhor essas crianças a escola vai acabar deixando elas à margem do conhecimento e enquanto professora eu sinto essa responsabilidade, eu sinto que é o meu papel fazer o melhor para essa criança, embora seja muito difícil porque a gente trabalha só, a gente não tem ajuda de ninguém dentro da escola. As escolas municipais e principalmente a escola que eu trabalho elas não tem... Agora que tá chegando essa realidade de chegar crianças especiais na escola, agora que a secretaria de educação os órgãos competentes eles estão percebendo que tem que melhorar é, e qualificar os professores que estão atuando nas salas de aula, porque a realidade, a nossa realidade é de cada vez mais chegar crianças especiais na escola e ainda tem a resistência da escola e de alguns colegas professores justamente pelo despreparo, pela insegurança de como vai trabalhar com essas crianças.

Observa-se na fala da professora a realidade da escola ao trabalhar com a criança com TDAH, e para Benczik (2002, p. 62, apud CASTRO E NASCIMENTO, 2009), a escola considerada ideal para a criança com TDAH é a que valoriza o desenvolvimento global do aluno, respeitando as diferenças e valorizando e promovendo o desenvolvimento da criatividade e espontaneidade.

Foi perguntado à supervisora sua opinião sobre a inclusão do aluno especial. Ela respondeu da seguinte maneira:

Eu acho que é muito importante. Hoje em dia, nós não devemos ter essa diferença, devemos receber o aluno, o que eu acho é que o professor, a escola, tem uma necessidade, de uma ajuda, de um certo acompanhamento, é como eu lhe falei tem professor que não está preparado para trabalhar diretamente com esse aluno especial e em certas situações precisa daquela ajuda, daquele controle né! Então, a supervisão chega até o professor, a direção, mas se tivesse uma pessoa dentro da sala ajudando ali, quando o aluno sai, o autista, vamos supor, aí teria uma certa ajuda maior.

É notado na fala da supervisora que a escola recebe o aluno sem distinção, porém, há necessidade por parte da instituição e também do professor de um suporte a mais para trabalhar com essas crianças especiais.

Diante desses dados, percebe-se que mesmo perante as dificuldades enfrentadas, as entrevistadas buscaram melhorias para o trabalho pedagógico na escola, com essas crianças. Nota-se que o olhar para a criança com TDAH, estimulou, respectivamente, na transformação das suas estratégias pedagógicas e conseqüentemente para que o aluno com TDAH permanecesse na sala de aula do ensino regular. Isso fica evidente na fala da professora ao afirmar que a criança com TDAH havia ingressado em outras instituições escolares do ensino regular, inclusive da rede privada, mas não permaneceu nessas instituições.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um tema que deve ser cada vez mais estudado no âmbito escolar, devendo ser discutido e trabalhado pelos profissionais da educação. Entre os profissionais da educação, o professor pode ser o primeiro a observar o transtorno, devido estar numa relação mais direta com o aluno na sala de aula, podendo incluí-lo em várias atividades pedagógicas e de aprendizagem, pois as crianças com TDAH precisam ser inseridas e respeitadas na escola, rompendo as barreiras que impedem seu acesso e permanência nas instituições do ensino regular. Infelizmente, a sociedade em geral, por falta de conhecimento, as rotulam de desatentas, desobedientes, entre outras, deixando de lado seu potencial de aprendizagem.

No percurso da elaboração deste trabalho, o objetivo geral foi analisar as estratégias pedagógicas utilizadas por uma supervisora e uma docente da Educação Infantil, para crianças com TDAH, e, para tanto, os objetivos específicos foram: Identificar quais as atividades pedagógicas utilizadas com os alunos com TDAH; verificar quais as estratégias pedagógicas utilizadas pela docente e a supervisora para o aluno com TDAH; averiguar se essas estratégias contribuem para a permanência desses alunos em sala de aula.

Foi questionado sobre quais eram as atividades pedagógicas utilizadas com a criança com TDAH, a professora afirmou que trabalha com imagens, contação de histórias, muita música, jogos educativos e brincadeiras, algo que estimule a participação da criança na atividade desenvolvida. Observa-se que o primeiro objetivo específico foi contemplado, que foi identificar quais atividades pedagógicas utilizadas para o aluno com TDAH.

Com relação ao segundo objetivo específico que foi quais as estratégias pedagógicas utilizadas pela docente e a supervisora para o aluno com TDAH, identificou-se que a professora e a supervisora escolar, demonstraram interesse ao buscarem novas estratégias pedagógicas para auxiliar o aluno com TDAH, mesmo com tantas dificuldades de se trabalhar com essa população. Para a melhoria na sua prática pedagógica ou estratégia

pedagógica, a professora procura buscar meios que a auxiliem e a preparem, renovando sua metodologia e aprendendo a cada dia.

A supervisora desenvolve seu trabalho de maneira proativa. Ela acredita que o planejamento é o momento mais importante, onde traça metas e objetivos que almeja alcançar, buscando informações que facilitem no processo de aprendizagem dessas crianças.

Ao questionar a professora se essas estratégias pedagógicas contribuíam para o aprendizado e a permanência desses alunos em sala de aula, ela respondeu afirmativamente, pois a criança com TDAH apresentava um histórico de “negativo” em outras instituições escolares, inclusive da rede privada de ensino, devido não ter se adaptado nas referidas instituições. Apesar das dificuldades encontradas, a professora conseguiu manter o aluno em sala, onde conseguiu que ele obtivesse êxito na aprendizagem. Com relação à supervisora, a estratégia apontada foi a de auxiliar toda segunda-feira no planejamento escolar, trocando experiências com outros profissionais sobre como desenvolver um bom trabalho na escola. Apesar de demonstrarem interesse pela busca por novas estratégias para trabalhar pedagogicamente com esse aluno e que segundo a professora suas estratégias contribuíram positivamente na formação e na permanência desse aluno na sala de aula, as entrevistadas não aprofundaram na demonstração dessas estratégias, deixando para averiguação em trabalhos futuros.

Sendo assim, a partir dessa análise, os objetivos propostos para esse trabalho foram alcançados. No entanto, devido à complexidade do tema e o pouco tempo para desenvolver e aprofundar a pesquisa, faz-se necessário ouvir mais professores e profissionais da educação para se ter uma melhor análise do processo de ensino e aprendizagem voltadas para essa população.

O papel do professor é fundamental, e, é seu dever estar disponível a buscar novas estratégias e metodologias que venham atender melhor a criança especial. É necessário que o professor tenha um suporte a mais na sala, auxiliares que juntos possam buscar possíveis soluções para ajudar no desenvolvimento das atividades junto a essas crianças. É notória a necessidade de qualificação dos profissionais da educação atuantes nas salas de aulas. Vale ressaltar também que a família e a escola devem andar juntas em prol dos objetivos a serem alcançados para o desenvolvimento da

aprendizagem da criança. Contudo, é necessário compreender a criança com TDAH, sua interação social, suas limitações e principalmente suas potencialidades, para que assim, possa ser realizado um bom trabalho com elas.

REFERÊNCIAS

BONADIO, R. A. A.; MORI, N.N. R. Explicações para o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. In: **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: diagnóstico da prática pedagógica** [online]. Maringá: Eduem, 2013, p. 25-63. ISBN 978-85-7628-657-8. Available from SciELO Books. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/963vf/pdf/bonadio-9788576286578.pdf>> Acesso em: 19 jul. 2018.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BURITY SERPA, M. H. **Modos contemporâneos de inclusão escolar de estudantes com necessidades educacionais**: um estudo de casos múltiplos em escolas públicas da Paraíba. Campina Grande: EDUFPG, 2015.

CASTRO, C. A. A.; NASCIMENTO, L. **TDH- Inclusão nas Escolas**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2009.

Classificação de Transtornos mentais e de Comportamento da CID-10: **Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas** – Coord. Organiz. Mund. da Saúde: trad. Durgival Caetano- Porto Alegre: Artmed, 1993.

CUNHA, A. C. T. **Importância das atividades lúdicas na criança com Hiperatividade e Déficit de Atenção segundo a perspectiva dos professores**. Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa, 2012.

DOMINGUES, L; ZANCANELLA, S.; BASEGGIO, D. B. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade**: um olhar voltado para a escola, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782013000200007&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 16 jun. 2018.

GARCIA, R. M. C. **Política de educação especial na perspectiva inclusiva e a formação docente no Brasil**. Universidade Federal de Santa Catarina. Revista Brasileira de Educação, v. 18, n.52, jan-mar. 2013.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Metodologia da pesquisa científica**. UAB/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MAIA, M. I. R. M.; CONFORTIN, H. **TDH e Aprendizagem**: Um desafio para a educação. PERSPECTIVA, Erechim. v. 39, n.148, p. 73-84, dez. 2015. Disponível em: <http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/148_535.pdf> Acesso em: 16 jun. 2018.

MELO, V. M. da C. **A importância do lúdico para crianças com Transtorno e déficit de Atenção e Hiperatividade (TDH) na Educação Infantil**. Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

MOITINHO, E. C. dos S. **Desafios da Inclusão na Educação Infantil do Jardim de Infância 03 do Gama**. Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

OLIVEIRA, I. A. de. Política de Educação Inclusiva nas Escolas: Trajetória de Conflitos In: JESUS, D. M. de et al. (Orgs.) **Inclusão, Práticas Pedagógicas e Trajetórias de Pesquisa**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

PEREIRA, M. S. B. **Déficit de Atenção ou TDAH**: 1. Módulo. Disponível em <https://www.ganhesempremais.com.br/wp-content/uploads/2018/02/ebook_tdah.pdf> Acesso em: 10 maio 2018.

PRIETO, R. G. Professores Especializados de um Centro de Apoio: Estudo sobre Saberes necessários para sua prática In: JESUS, D. M. de et al. (Orgs.) **Inclusão, Práticas Pedagógicas e Trajetórias de Pesquisa**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

SILVA, A. M. da. **Metodologia da Pesquisa**. 2. edição rev. EdUECE, Fortaleza, 2015.

TAVARES, H. V. **Apoio pedagógico às crianças com necessidades educacionais especiais DISLEXIA E TDAH**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação, Lato-Sensu em Distúrbio de Aprendizagem apresentado à Disciplina de Oftalmologia da Faculdade de Medicina do ABC, São Paulo, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia de pesquisa**. - 2. ed. Ver. Atual - Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração. UFSC, 2011.

ANEXO



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Conforme Resolução do CNS/ No. 466/2012).

Esta pesquisa intitula-se, As estratégias pedagógicas na Educação Especial: Um olhar para a criança com TDAH e será desenvolvida por Mailza Ferreira Xavier, graduanda em Pedagogia pela Unidade Acadêmica de Educação (UAE), do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *Campus* Cajazeiras – PB, sob orientação da/o . Prof.^a Dr.^a Nozângela Maria Rolim Dantas. Tem como objetivo geral analisar as estratégias pedagógicas utilizadas pelos docentes da Educação Infantil para crianças com TDAH, de uma escola pública da cidade de Sousa – PB. A sua participação é voluntária, podendo se retirar da pesquisa no momento que você desejar, não haverá nenhum dano e prejuízo, nem haverá modificação no percurso desta pesquisa.

Para a realização desta pesquisa serão utilizadas as técnicas de entrevista semiestruturada acerca do objeto de estudo, em seguida, serão feitos os procedimentos de tratamento dos dados coletados, após esta etapa, será feito um retorno aos sujeitos participantes para conferência do conteúdo e confirmação do seu devido uso na pesquisa.

Os riscos que envolvem esta pesquisa estão de acordo com a Resolução do CNS/ No. 510/2016, sendo mínimos e previsíveis, no entendimento de que, por se tratar de seres humanos, revocar alguns conceitos que envolvem a formação docente, podem trazer questões que leve os sujeitos a se sentirem inseguros, mas, estes terão autonomia para decidir se continua ou se interrompe a sua participação.

Os benefícios desta pesquisa estão de acordo com a Resolução do CNS/ No. 510/2016, podendo, portanto, indicar trilhas diferenciadas para a melhoria da qualidade do ensino universitário, e na produção do conhecimento.

Assim, solicito a sua permissão, para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos. Nisso, será garantida a privacidade dos dados e informações fornecidas, que se manterão em caráter confidencial. Por ocasião da publicação dos resultados, o nome e/ou imagens dos sujeitos envolvidos será/ão mantida/os em sigilo.

A pesquisadora responsável estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Fica registrado também, que tenho conhecimento de que essas informações, dados e/ou material serão usadas pela responsável da pesquisa, com propósitos de divulgá-los em meios científicos especializados.

Eu, _____,
declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participação na pesquisa e para a publicação dos resultados. Estou ciente e acuso recebimento de uma cópia deste documento.

Cajazeiras, ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Assinatura da Pesquisador(a)

Contatos da pesquisa:

UAE/CFP/UFCG- Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n- Casas Populares, Cajazeiras
-PB.

Email: mailzaferreira8@gmail.com Fone: (83) 991699115

APÉNDICE

APÊNDICE A - ENTREVISTA COM A PROFESSORA

- 1- Discorra sobre os seguintes tópicos: Qual a sua idade, escolaridade, renda, carga horária e situação trabalhista na instituição a qual você trabalha.
- 2- Você possui alguma formação continuada?
- 3- E agora vamos falar sobre sua sala de aula: quantos alunos há na sua sala?
- 4 - Quais as atividades, em sala, que você utiliza com essas crianças?
- 5- Essas estratégias ou atividades contribuem para o aprendizado da criança com TDAH? A permanência do mesmo em sala de aula?
- 6-Fale sobre o papel do professor no processo de inclusão da criança com TDAH.
- 7-A escola possui sala de AEE?
- 8 - Quais são as suas principais dificuldades em trabalhar com o aluno com TDAH?
- 9- Você tem alguma formação na área da inclusão?
- 10 - Você tem formação para trabalhar com o aluno com TDAH?
- 11- Como você percebe a criança com TDAH?
- 12- Como foi para você receber a criança com TDAH em sua sala?
- 13- Você tem pessoas que auxiliem em sala de aula?
- 14- Você gostaria de enfatizar algo mais?

APÊNDICE B - ENTREVISTA COM A SUPERVISORA

1-Discorra sobre os seguintes tópicos: sexo, idade,renda, carga horária, nível de escolaridade.

2- Você possui alguma formação continuada?

3-Quais as principais dificuldades que você enfrenta como supervisora, levando em consideração a criança com TDAH?

4- O que você pensa da inclusão do aluno especial?

5 - Como supervisora você auxilia no planejamento das atividades junto aos professores?

6-O aluno da sala da Educação infantil possui laudo? Fornecido pela família?

7 - Você tem alguma formação na área da inclusão?

8 - Você tem formação par trabalhar com o aluno com TDAH?

9-Como você percebe o aluno com TDAH?

10-Quais são as características do aluno com TDAH?

11- Como foi para você receber a criança com TDAH, na instituição?

12-Como supervisora, qual sua maior dificuldade em auxiliar a professora desse aluno com TDAH?

13- Você gostaria de acrescentar algo mais?